

O LEGADO DE HEIDEGGER À CONTEMPORANEIDADE

HEIDEGGER'S LEGACY TO CONTEMPORARY

Fabiano Leite França¹

Resumo: O objetivo deste trabalho circunscreve-se na tentativa de explicitar o posicionamento teórico do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) no âmbito da tradição do pensamento ocidental. Fundamentalmente, busca-se delinear a inserção de Heidegger no debate acerca da metafísica, no intuito de verificar as contribuições do autor à contemporaneidade. Para esta empresa, tomar-se-á como ponto de partida o parágrafo 6 e o parágrafo 44 da obra *Ser e Tempo* (1927), os textos *O que é metafísica* (1929), *Sobre a essência da verdade* (1936) e o ensaio *A superação da metafísica* (1936-1946); igualmente, porém, de forma mais periférica, serão utilizados como suporte teórico o texto *Que é isto – A filosofia* (1955), bem como o ensaio *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento* (1964). O eixo em torno do qual se desenvolverá esta discussão é o projeto heideggeriano de “superação” da metafísica tradicional. A partir de então se verificará que se a clivagem de Heidegger não alterou substancialmente a senda da filosofia, ela seguramente introduziu um modo bastante original de se fazer filosofia que deixaria marcas na posteridade.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Heidegger. Metafísica. Tradição.

Abstract: The aim of this work is limited in an attempt to clarify the theoretical position of the German philosopher Martin Heidegger (1889-1976) within the tradition of Western thought. Fundamentally, seeks to outline the inclusion of the debate about Heidegger's metaphysics in order to verify the contributions of the contemporary author. For this task, it will take as its starting point the paragraph 6 and paragraph 44 of the work *Being and Time* (1927), the texts *What is Metaphysics* (1929), *On the Essence of Truth* (1936) and *Overcoming test metaphysics* (1936-1946), however, also more peripheral, will be used as theoretical support the text *What is this - philosophy* (1955), as well as text *The end of philosophy and the task of thinking* (1964). The axis around which to develop this discussion is the design of Heideggerian "overcoming" of traditional metaphysics. From then verify that the cleavage of Heidegger did not substantially alter the path of philosophy, it certainly introduced a very original way of doing philosophy that leave marks on posterity.

Keywords: Contemporary. Heidegger. Metaphysics. Tradition.

* * *

Introdução

O propósito deste trabalho é percorrer uma, mas talvez a principal, das muitas veredas do pensamento de Martin Heidegger, sobretudo a segunda fase do filósofo, a fim de elucidar a posição do pensador frente aos desdobramentos da filosofia, entendida enquanto desenvolvimento da metafísica no âmbito da tradição do pensamento

¹ Mestrando em Filosofia/UFMG. Email: fabiano.fil@hotmail.com

ocidental; igualmente, pretende-se verificar o legado de Heidegger ao pensamento contemporâneo.

Partindo do pressuposto de que a filosofia tem sua natalidade simultânea à pergunta pela “verdade do ser”, verdade que se revela somente na exposição do ente à luz do ser, Heidegger propõe aporias às concepções tradicionais de “ser” e “verdade”. No tribunal de Heidegger, a filosofia é acusada de dois delitos graves, a saber: “o esquecimento do ser” e o fato de fazer do conceito de verdade um conceito derivado.

É na esteira destas reflexões sumárias que se expande o horizonte do ambicioso projeto do filósofo alemão de “superação” da metafísica. A pretensão de Heidegger é depurar a abordagem filosófica dos conceitos de “ser” e “verdade”. Segundo o pensador, a filosofia enredou-se na obscura indistinção entre ser e ente, tomando este por aquele; ademais, a tradição filosófica distanciou-se do caráter originário, grego, da concepção de verdade, o que teve início na Idade Média com o advento do pensamento tomista.

Heidegger propõe então a salvaguarda do ser à luz da “diferença ontológica”, isto é, a distinção entre ser e ente, bem como a salvaguarda da verdade à luz da concepção grega originária de verdade como “desvelamento” (*alétheia*).

Embora Heidegger reconheça e reverencie o legado filosófico da Antiguidade Clássica, especialmente os postulados de Parmênides, Heráclito e Aristóteles, que perscrutam as questões do “ser” e da “verdade”, o filósofo alemão considera as hipóteses destes pensadores insuficientes, na medida em que se prendem ao ente, mas não se atentam para o ser, além disto, distanciam-se do fundamento da verdade, desde onde se erige a condição de possibilidade da própria verdade.

Ao enfatizar os desatinos do pensamento ocidental, Heidegger sugere o “fim” ou a “superação” da filosofia enquanto história da metafísica, porém, o filósofo compreende a dissolução da metafísica, não como “acabamento”, mas como um novo começo, a partir do qual, toda a questão do pensamento se refaz. Nesta perspectiva, Heidegger dispõe-se a dar uma resposta à questão acerca da “verdade do ser”, resposta que não foi suscitada e tampouco respondida pela metafísica tradicional.

Com efeito, para melhor explicitação e sustentação das idéias apresentadas nesta introdução, o texto que se segue será subdividido em três partes e mais um balanço avaliativo sob o título de “Considerações finais”.

1. “O esquecimento do ser”

O posicionamento de Heidegger frente à filosofia, entendida como a marcha da metafísica é, em duplo sentido, problemática, pois, o filósofo alemão imputa à metafísica tradicional as responsabilidades do “esquecimento do ser” e do fato de fazer do conceito de verdade um conceito derivado. Por isto, exclusivamente para fins didáticos, estas duas problematizações serão abordadas separadamente, uma vez que, todavia, é sabido que “ser” e “verdade” no pensamento de Heidegger estão mutuamente imbricados.

A pergunta pela “verdade do ser”, analisada à luz da “diferença ontológica”, somente se faz possível por um modo de ser privilegiado do ente, o *dasein*, ou seja, o “*ser-aí*”, conforme o étimo germânico, que, de acordo com Heidegger (Cf. 1986a, p. 82), é caracterizado por aquele ente ao modo de ser da “existência”, o homem². Neste sentido, a questão da “verdade do ser” está intimamente relacionada à essência do homem, o ente que é e está no âmbito da verdade, situação que lhe permite indagar pela “verdade do ser”.

Para melhor compreensão da relação entre “verdade do ser” e homem (ser-aí), faz-se mister adentrar na noção heideggeriana de “presença”, que pode ser entendida como “abertura” ou condição de possibilidade da descoberta dos entes, a qual se dá no âmbito da relação homem (existência) e mundo. Heidegger alega que: “A condição ontológico-existencial para se determinar o ser no mundo através de *verdade* e *não verdade* reside na constituição de ser da presença” (2006, p. 294). Ressalta-se, entretanto, que, para o filósofo alemão, a “não verdade” pertence à essência da verdade (Cf. 1996b, p.165). Logo, “a presença já está sempre na verdade e na não verdade” (2006, p.293).

Há, com efeito, um nexos entre a “verdade do ser” e a essência do homem (ser-aí), nexos cuja designação circunscreve o âmbito do aberto ou o lugar desde onde o ser deve ser pensado e, simultaneamente, é o lugar onde se manifesta a “verdade do ser”, manifestação que se dá na relação existência (ser-aí) e mundo (totalidade dos entes).

² O uso dos termos *dasein*, ser-aí e homem como equivalentes é realizado, exclusivamente, para explicitar o homem como um modo de ser privilegiado entre os outros entes. Entretanto, na terminologia heideggeriana, com a expressão *dasein*, o filósofo pretende se posicionar criticamente frente às noções tradicionais de homem e existência.

Heidegger (Cf. 1996a, p. 63) assegura que a possibilidade do filosofar se dá na medida em que o homem existe. Em outras palavras, o homem é um modo de ser privilegiado do ente, que torna possível a pergunta pela “verdade do ser”. Adiante, prossegue o autor dizendo que “somente o homem, em meio a todos os entes, experimenta, chamado pela voz do ser, a maravilha de todas as maravilhas: que o ente é” (1996a, p. 69). Ora, se o homem, em virtude de sua condição de animal racional, torna possível a metafísica, ele é, também, a instância para a superação desta.

No entanto, ao refazer o percurso histórico da tradição do pensamento ocidental, Heidegger detecta o pecado original da metafísica, a saber, o fato de representar o ente enquanto ente e, com isto, distanciar-se de pensar o ser do ente. Nas palavras de Heidegger:

O ser não é pensado em sua essência desveladora, isto é, em sua verdade. Entretanto, a metafísica fala da inadvertida revelação do ser quando responde a suas perguntas pelo ente enquanto tal. A verdade do ser pode chamar-se, por isso, o chão no qual a metafísica, como raiz da árvore da filosofia, se apóia e do qual retira seu alimento. Pelo fato de a metafísica interrogar o ente, enquanto ente, permanece ela junto ao ente e não se volta para o ser enquanto ser (1996a, p. 77-78).

É precisamente nesta perspectiva que desponta a contundente acusação do filósofo de que a metafísica ocidental incorrera no “esquecimento do ser”. Heidegger sustenta que a metafísica, desde sua origem, não suscitou e tampouco respondeu à questão ontológico-fundamental acerca da “verdade do ser”. Destarte, o autor constata a insuficiência da metafísica em seu ofício de pensar o ser, motivo pelo qual deve ser “superada”.

Com a intenção de rever a abordagem do ser no decurso da história do pensamento e na tentativa de corrigir os descaminhos da tradição da metafísica, no que diz respeito ao “esquecimento do ser”, Heidegger (1996d, p.252) acrescenta que: “Ser enquanto presença é determinado pelo tempo”. Embora seja determinado pelo tempo, o ser não é alguma coisa e tampouco está no tempo, mas, em virtude daquilo que determina seu caráter temporal, o “ser permanece como pre-sentar, como pre-sença” (1996d, p. 252), que se dá no tempo.

Situar o tempo como o horizonte de possibilidade do desvelamento do ser enquanto “presença” constitui, de fato, o grande legado de Heidegger à contemporaneidade, entendida enquanto a herança do pensamento da tradição da

metafísica. Ao realizar esta façanha, o filósofo alemão definitivamente imprime sua marca na tradição do pensamento filosófico.

Heidegger propõe então redefinir a história do ser à luz da “diferença ontológica”, isto é, a distinção entre ser e ente, empresa que restituirá a voz do ser, silenciada desde os primórdios da filosofia ocidental. O descobrimento do ser libertará a metafísica dos grilhões do ente, aos quais a filosofia manteve-se acorrentada ao longo de sua história.

Igualmente, a pretensão de Heidegger é destituir o caráter teológico da ontologia, que encontra seus pressupostos e fundamentos na maneira como, desde a Antiguidade, o ente chega ao desvelamento enquanto ente. Tal desvelamento, segundo o filósofo, possibilitou que a teologia cristã se apoderasse da filosofia grega (Cf. 1996a, p. 85). Contudo, a pretensão do autor abordada neste parágrafo será discutida de forma mais ampla no tópico seguinte.

2. O caráter derivado do conceito de verdade

A assertiva que diz que “ser e verdade correlacionam-se” é recorrente no pensamento de Heidegger. De acordo com o filósofo, desde os primórdios do pensamento ocidental, os pensadores procediam em suas investigações, pressionados pela verdade e conduzidos “pelas coisas elas mesmas”, ou seja, a partir daquilo que se mostra em si mesmo, o ente. Entretanto, ao se deter na investigação do ente, o pensamento prescindiu da necessidade de transcendê-lo. Desta forma, a metafísica permaneceu presa ao ente e mantida no ostracismo da verdade como desvelamento (*alétheia*).

O desvelamento é o campo de possibilidade no qual se dá a manifestação do ser; porém, Heidegger contesta a metafísica tradicional pelo fato desta ciência não ter pensado o ser em sua essência desveladora, isto é, em sua verdade (Cf. 1996a, p. 77). As atenções da metafísica voltada estritamente para o ente possibilitou que a teologia cristã se apoderasse do pensamento grego, uma vez que, segundo este segmento teológico, todas as coisas em sua essência e existência foram concebidas pelo intelecto divino, motivo pelo qual devem concordar com a ideia e com ela se conformar, sendo, desta forma, “verdadeiras”.

A definição tradicional do conceito de verdade, proposta pela teologia cristã, traz à luz a concepção de verdade (*veritas*) como adequação ou conformidade da coisa

(objeto) com o conhecimento (intelecto), que consoante a fórmula advinda do latim estabeleceu-se: *Veritas est adequatio intellectus ad rem*. A concepção de verdade enquanto *veritas* é originária do ideário medieval, sobretudo do pensamento de Santo Tomás de Aquino.

Para melhor explicitar a concepção de verdade segundo o ideário teológico-cristão, Heidegger assevera que, de acordo com esta doutrina “o intelecto somente é conforme com a ideia porque realiza a adequação do que pensa com a coisa, tendo esta que ser conforme com a ideia” (1996b, p. 156). Nesta perspectiva, verifica conclusivamente o autor que, desde o advento do pensamento teológico cristão:

Veritas significa por toda parte e essencialmente a *convenientia* e a concordância dos entes entre si que, por sua vez, se fundam sobre a concordância das criaturas com o criador, “harmonia” determinada pela ordem da criação (1996b, p. 156).

A definição de verdade como *veritas* foi possível em virtude do duplo caráter de concordância segundo o qual ser verdadeiro significa, por um lado, a concordância entre uma coisa e aquilo que dela se presume, e, por outro, a conformidade entre o que é significado pela enunciação e a coisa (Cf. 1996b, p. 155-156). O filósofo alemão é enfático em sua oposição atestando que “a verdade originária não tem morada original na proposição” (1996b, p. 159).

Consoante Heidegger, a verdade não reside na concordância entre o (pré) juízo e seu objeto e tampouco na concordância entre enunciado (proposição) e objeto, mas reside e é ela a relação que antecede a subjetividade e a objetividade. Esta relação deve ser pensada a partir da abertura que se estabelece no âmbito de todas as relações. Assim, a tese de que a verdade está no enunciado é rechaçada.

Para se entender o fundamento desde onde a verdade, em sua essência, se apresenta como *alétheia* (desvelamento), faz-se necessário ao menos uma sucinta explanação da compreensão de Heidegger do conceito de “liberdade”, cuja racionalidade é condição para o seu exercício, sendo, no entanto, possível somente ao homem (existente), enquanto animal racional.

Existe, segundo Heidegger, um “laço essencial” entre a verdade e a liberdade, o que redireciona a reflexão para a problemática da essência do homem (ser-aí). Ora, a liberdade é aquilo que se manifesta no seio do aberto, e é a instância que permite que o ente seja aquilo que é em sua essência. Heidegger (1996b, p. 161) diz que “a liberdade se revela então como o que deixa-ser o ente”. Este “deixar-ser” significa o entregar-se

ao ente, isto é, “entregar-se ao aberto e à sua abertura, na qual todo ente entra e permanece, e que cada ente traz, por assim dizer, consigo” (1996b, p. 161).

Com efeito, a liberdade é o comportamento fundamental do deixar-ser. Comportamento que, aberto ao seu modo, põe-se em harmonia com aquilo a que se refere. Heidegger afirma que:

A liberdade assim compreendida, como o deixar ser do ente, realiza e efetua a essência da verdade sob a forma do desvelamento do ente. A “verdade” não é uma característica de uma proposição conforme, enunciada por um “sujeito” relativamente a um “objeto” e que então “vale” não se sabe em que âmbito; a verdade é o desvelamento do ente graças ao qual se realiza uma abertura. Em seu âmbito se desenvolve, ex-pondo-se, todo comportamento, toda tomada de posição do homem. É por isso que o homem é ao modo da ek-sistência (1996b, p. 162).

Sob este viés, somente ao homem, ente ao modo de ser da existência, é possível a experiência do desvelamento dos entes, haja vista que a liberdade ou o entregar-se ao caráter de ser desvelado consiste no recuo diante do ente para que ele se manifeste naquilo que é e como é. O entregar-se ou deixar-ser é a exposição ao ente em seu desvelamento como comportamento, que, definido como aquilo que se estabelece no seio do aberto, mantém-se referido àquilo que é manifesto. Conclui-se então a legitimidade da assertiva de Heidegger que atesta existir um nexos entre a verdade e a liberdade.

Para retificar a concepção de verdade, Heidegger perscruta as profundezas abissais do pensamento filosófico e retoma o conceito em sua origem grega. O autor alega que se se escuta à moda grega uma palavra grega, está-se imediatamente em presença da coisa mesma e não apenas diante de uma simples significação verbal, ou seja, a palavra expõe o que está aí diante do ouvinte sem intermediários (Cf. 1996c, p. 31).

Ao repensar a noção corrente de verdade, Heidegger assegura que a tradução do termo *alétheia* por desvelamento é mais literal e aborda de forma mais original do que a concepção de verdade como *veritas*, especialmente em virtude desta última concepção carecer do enunciado como intermediário para apresentar o ente.

Por considerar a caracterização de verdade como concordância (*adequatio*) demasiado vazia e universal (Cf. 2006, p.285), e, a fim de “preservar a força das palavras mais elementares em que a presença se pronuncia” (2006, p. 290), o filósofo alemão resgata e reanima o sentido grego da palavra *alétheia*, que, juntamente com o

ser, padecia no exílio da tradição metafísica. É também neste sentido que Heidegger deixa sua contribuição para a contemporaneidade.

Portanto, *alétheia*, à luz da interpretação ontológico-existencial, significa verdade no seu sentido mais originário, presença na qual o ser do ente se mostra e se oculta em seu desvelamento. Em outras palavras, verdade como desvelamento ou *alétheia* designa o que constitui o verdadeiro em sua essência, naquilo que é, ou seja, o verdadeiro enquanto verdadeiro.

Heidegger dispense seus esforços para salvaguardar a verdade do ser sob dois vieses: primeiro, ao deslocar o olhar do ente para o ser, e, segundo, ao iluminar a verdade em seu sentido mais originário. Contudo, o filósofo julga a tradição metafísica culpada de prender-se ao ente e esquecer o ser, e também, do fato de possibilitar a degeneração da concepção de verdade como *alétheia* (desvelamento). Por estas razões, a metafísica deve ser “superada” ou “destruída”³.

3. A superação da metafísica e a redenção histórica do pensamento

A maneira que Heidegger sustenta que a “verdade do ser” deve ser pensada denota o fracasso histórico da metafísica na realização desta tarefa. Entretanto, o pensamento que pensa a “verdade do ser” à luz da diferença ontológica e da concepção originária de verdade como *alétheia* não se contenta mais com a metafísica. Consequentemente, a metafísica deve ser superada ou destruída.

Para a realização do ambicioso projeto de destruição da metafísica, Heidegger não se dispõe a romper e tampouco negar a história das ideias, mas se propõe a realizar uma apropriação e transformação do legado transmitido pela tradição. Nesta perspectiva:

Destruição não significa ruína, mas desmontar, demolir e pôr- de- lado- a saber, as afirmações puramente históricas sobre a história da filosofia. Destruição significa: abrir nosso ouvido, torná-lo livre para aquilo que na tradição do ser do ente nos inspira (1996c, p. 36).

O caminho indicado por Heidegger que conduz à “verdade do ser” consiste não em repúdio, mas em uma “apropriação originária” da tradição. A relação que o filósofo

³ Embora a concepção de “destruição” da metafísica seja mais própria do chamado primeiro Heidegger, isto é, do Heidegger anterior à “virada”, parece haver uma preclusão da “superção” na “destruição”, como se verá no decorrer do texto. Isto, de certo modo, unifica as supostas duas fases do filósofo. Nesta perspectiva e no contexto deste trabalho, ambos os termos são utilizados em sentido análogo.

alemão estabelece com a tradição implica na convocação do pensamento, direcionando seus esforços rumo à revelação da “verdade do ser” como desvelamento, verdade que permaneceu velada ao longo da história da filosofia.

À luz da diferença ontológica e da concepção de verdade como desvelamento, Heidegger se insere na tradição do pensamento e deixa sua contribuição, na medida em que procura desvendar a “verdade do ser”. No entanto, a busca por tal verdade, nada mais é que a pretensão do filósofo de situar o tempo enquanto o horizonte de possibilidade no qual o ser se revela em seu sentido mais essencial, ou seja, naquilo que ele é.

Na medida em que considera a metafísica um aspecto fundamental da história do ocidente, uma fatalidade, portanto, Heidegger (Cf. 2002, p. 67) constata que, haja vista a metafísica não ter realizado a experiência do ser do ente, não podendo por isto questioná-lo e harmonizá-lo em sua verdade, a humanidade viu-se fadada a segurar-se no ente, afastando-se do desvelamento do ser. Destarte, em virtude do esquecimento do ser, a metafísica deve ser reformulada, processo que se dá com a sua destruição à moda heideggeriana, isto é, com a sua superação.

Realizada a superação da metafísica, Heidegger assegura que ela não desaparece, mas “retorna transformada e permanece no poder como a diferença ainda vigente entre ser e ente” (2002, p. 62). À luz da diferença ontológica, “a superação da metafísica acontece como uma sustentação do ser” (2002, p. 62). Tal sustentação é o horizonte de possibilidade em que se dá o acontecimento da verdade como desvelamento. Acontecimento que se dá no tempo.

A metafísica tradicional, tal qual Heidegger descreve, traz em seu bojo a instância para a sua própria superação. Por outro lado, a superação da metafísica prenuncia o esquecimento do ser, porém, precede o prenuncio aquilo que nele se anuncia. No entanto, diz Heidegger (2002, p. 68) que: “A superação permanece digna de ser pensada somente enquanto se pensa a sustentação”. Com efeito, o filósofo define a superação da metafísica como “a trans-missão da metafísica em sua verdade” (2002, p. 68). O autor ressalta que a superação propriamente dita deve ser pensada no âmbito da dimensão da história do ser (Cf. 2002, p. 68).

De acordo com Heidegger, a metafísica atinge sua expressão máxima na era da técnica ao dissolver-se nas ciências particulares, as quais são as responsáveis pelo esvaziamento da problemática filosófica. Contudo, à metafísica está reservado um novo começo, anunciado na sua superação. Logo, a superação enquanto “fim” ou

“destruição” da metafísica consiste não em “cessação” ou “ruína”, mas em uma renovada autoafirmação assumida pelo pensamento como tarefa, missão.

Neste sentido, a metafísica à época de Heidegger é a consubstanciação de todo o pensamento ocidental, historicamente sustentado pela tradição filosófica, que, na era da técnica alcançara sua “extrema possibilidade”. Nas palavras do autor:

Na época presente a filosofia chega em seu estágio terminal. Ela encontrou seu lugar no caráter científico que a humanidade se realiza na práxis social. O caráter específico desta cientificidade é de natureza cibernética, quer dizer, técnica (1996a, p. 97).

Logo, a dissolução da filosofia nas ciências particulares, com o conseqüente desenvolvimento técnico-científico, somente fez aumentar o escopo da legitimação do “esquecimento do ser” e do afastamento da noção de verdade como *alétheia*. A racionalidade técnico-científica é o derradeiro modo de subsistência da metafísica, e, pelas razões apresentadas, Heidegger anuncia seu fim.

A superação da metafísica enquanto “apropriação originária”, isto é, apropriação e transformação, é a tarefa reservada à filosofia na era da técnica. Longe de ser uma simples tarefa, é o cominho que conduzirá o pensamento à sua redenção histórica no âmbito da cultura ocidental.

Considerações finais

A intenção de Heidegger no debate com a tradição filosófica em torno da problemática da metafísica, além de demonstrar a grandiloquente capacidade crítica do filósofo, que erguera um dique quase intransponível à filosofia, ela introduziu na história do pensamento um modo original e singular de se construir conceitos que imprimiria suas marcas na posteridade.

É sabido que Heidegger procura, sobretudo, evidenciar os dois grandes erros da metafísica: o “esquecimento do ser” e o fato de fazer do conceito de verdade um conceito derivado.

As deliberações de Heidegger frente aos desdobramentos da metafísica demonstram tanto a intenção do filósofo de retificar os descaminhos que conduziram o pensamento ao “esquecimento do ser”, quanto o seu propósito de depurar o conceito de verdade. Neste contexto, Heidegger aponta a insuficiência da metafísica na realização da tarefa de “partejar” a “verdade do ser”.

A acusação que Heidegger imputa à metafísica pelo “esquecimento do ser” deve-se ao fato de que esta ciência, desde seus primórdios, direcionou sua atenção exclusivamente para o ente e, na medida em que iluminava o ente enquanto tal, acreditava, equivocadamente, que respondia à questão do ser.

Igualmente, Heidegger acusa a tradição metafísica de degenerar a concepção grega de verdade. Segundo o filósofo, a verdade como *veritas* ou adequação do objeto ao intelecto faz da proposição o lugar da verdade, tese que Heidegger terminantemente rechaça. Para ele, a abertura à “presença” é o lugar em que se dá a verdade como *alétheia*.

Para que a questão do ser seja adequadamente suscitada e respondida, Heidegger assegura que ela deve ter como pressuposto e medida a “diferença ontológica”. Quanto ao problema da verdade, o filósofo busca solucioná-lo retomando o termo em seu sentido originário, grego. Tarefas que a metafísica, no decurso de sua senda, não realizara.

Portanto, a denúncia que Heidegger outorga à metafísica pelo esquecimento do ser e pelo fato de fazer do conceito de verdade um conceito derivado, bem como a tentativa de retificar os descaminhos desta ciência à luz da diferença ontológica, sustentam a contundente necessidade suscitada pelo autor de “superação” da metafísica tradicional. Tal denúncia e tal retificação, que teve como consequência a “superação” da metafísica à moda heideggeriana, constituem o legado do filósofo à contemporaneidade.

Contudo, dispor desta contribuição, somente foi possível na medida em que Heidegger, ao perscrutar a “verdade do ser”, delimitou o tempo enquanto horizonte de manifestação e sentido do ser; o tempo é o lugar desde onde o ser se desvela em sua verdade. Nesta perspectiva, todo o legado do filósofo à contemporaneidade encontra seus pressupostos e é devedor desta noção de ser que se revela e encontra seu sentido no tempo.

Referências

- HEIDEGGER, M. *A superação da metafísica*. In: HEIDEGGER. *Ensaio e Conferências*. Trad.: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- _____. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. In: HEIDEGGER. *Os Pensadores*. 6 ed. Trad.: Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- _____. *Que é Isto - A Filosofia*. In: HEIDEGGER. *Os Pensadores*. 6 ed. Trad.: Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996 c.
- _____. *Que é Metafísica*. In: HEIDEGGER. *Os Pensadores*. 6 ed. Trad.: Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996 a.

_____. *Ser e Tempo*. Trad.: Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. *Sobre a essência da verdade*. In: HEIDEGGER. *Os Pensadores*. 6 ed. Trad.: Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996 b.

_____. *Tempo e ser*. In: HEIDEGGER. *Os Pensadores*. 6 ed. Trad.: Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996 d.